

## editorial

A agenda dos movimentos sociais, em 2009, está marcada pelo enfrentamento à crise global: a compreensão geral é de que as saídas para a crise devem apontar para uma mudança de modelo. Por isso, estamos mobilizadas em resistência às falsas soluções apresentadas por diversos governos e instituições multilaterais, que apenas reforçam os mecanismos e atores neoliberais, causadores da crise.

Neste cenário, foram dados passos importantes para a unidade na ação dos movimentos sociais. Com o eixo “Nós não vamos pagar por essa crise”, foram organizadas mobilizações massivas no dia 30 de março, parte da semana de ação contra o capitalismo e a guerra, convocada pelos movimentos sociais nos marcos do FSM em Belém.

A articulação e mobilização dos movimentos sociais também são fundamentais para enfrentar o golpe de Estado em Honduras, levado a cabo no final de junho. Ações de solidariedade em vários países e a difusão das informações, principalmente através de meios de comunicação contra-hegemônicos, como a Telesur, são iniciativas para denunciar o golpe, e fortalecer a resistência popular, que toma as ruas daquele país. As forças golpistas têm reprimido as mobilizações de resistência, chegando a matar lideranças sociais.

Estamos diretamente envolvidas com esses processos, ao mesmo tempo em que contribuimos com a preparação da próxima ação internacional da Marcha Mundial das Mulheres. De 8 a 18 de março de 2010, as mulheres da Marcha irão marchar de Campinas a São Paulo. Será uma demonstração da auto-organização das mulheres, um instrumento para denunciar os mecanismos do capitalismo patriarcal e para avançar nas conquistas para construir igualdade e garantir a autonomia das mulheres.

*As Semprevivas*



A crise global está no centro da agenda dos movimentos sociais

## Uma contribuição feminista para debater a crise

*Nalu Faria e Sarah de Roure*

As análises sobre a crise, quando se referem aos trabalhadores, tratam genericamente do tema do desemprego e do consumo. Apontam que o emprego afetado é majoritariamente o masculino ou que a crise atinge igualmente a todos e todas. No entanto, compreendemos que essas abordagens são limitadas e que devemos visibilizar a extensão da crise.

Ao relembrar a crise asiática nos anos 80, observa-se que as respostas dadas pelo FMI e o Banco Mundial foram mais liberalização financeira e diminuição do Estado. Foram exatamente essas instituições que receberam dos governos presentes à última reunião do G20 o aval para gerenciar as saídas da atual crise. Assim como naquele momento, hoje as respostas por eles oferecidas são insuficientes diante da dimensão dos problemas.

No processo de reacomodação pós-crise asiática, o desemprego triplicou. As

riquezas reais diminuíram em 40%, o trabalho infantil e a prostituição aumentaram enormemente. Os problemas econômicos e as tentativas de ajustes geraram empobrecimento com impactos diferenciados para homens e mulheres. Mais do que isso, o processo asiático trouxe à tona que a desigualdade entre homens e mulheres, produzida pela liberalização econômica, explicita-se em tempos de crise.

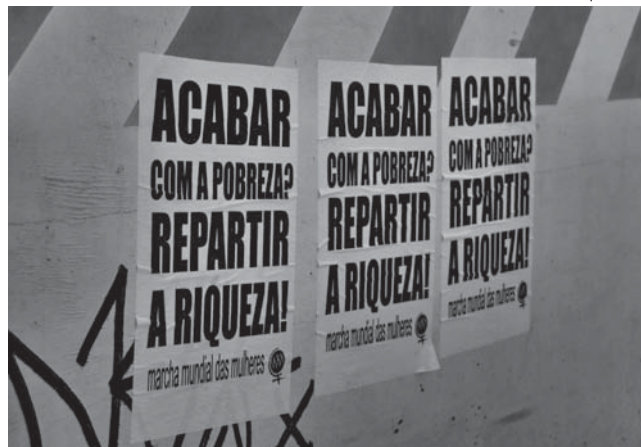
Com o desemprego masculino naquele momento, cresceu a porcentagem de mulheres comprometidas com o trabalho remunerado e com o doméstico na tentativa de sustentar a vida. Além de buscarem outras fontes de renda para compensar a perda no orçamento familiar, mais bens e serviços, que antes eram comprados no mercado, passaram a ser produzidos em casa. Assim, os efeitos da crise no cotidiano foram amortecidos pela intensificação do trabalho doméstico realizado pelas mulheres.

Com relação à crise atual, é importante compreender em que contexto a crise nos encontra. Foram mais de duas décadas de hegemonia da globalização neoliberal, que alterou profundamente a relação capital-trabalho, aprofundando a concentração da riqueza e as desigualdades, inclusive no interior da classe trabalhadora. Neste processo, o sistema aprofundou a divisão sexual, inclusive como estruturante da divisão internacional do trabalho. No Sul global, as mulheres estão concentradas em setores da produção internacionalizada, seu trabalho é explorado e nenhum direito é garantido, tanto na indústria (as montadoras na América Central), como na agricultura (produção de frutas no Chile, aspargos no Peru, flores na Colômbia ou castanhas na Bolívia).

As análises da economia feminista incorporam a divisão sexual do trabalho e, ao chamar a atenção para o terreno da reprodução, denominado produção do viver, nos permite elucidar a interconexão entre as esferas da produção e reprodução. Um dos pilares do neoliberalismo é a utilização do tempo das mulheres como variável de ajuste, ou seja, ele é visto como elástico, um recurso inesgotável. A exploração do tempo e trabalho das mulheres, combinada com a desresponsabilização do Estado e homens com esse trabalho, produziu uma crise dos cuidados.

### A crise como oportunidade e risco

O debate dos movimentos sociais e de mulheres tem sido permeado pela afirmação de que a crise pode ser vista como risco, mas também como oportunidade. Ela abre um maior espaço na sociedade para a crítica ao neoliberalismo pelos impactos que causou, mas também por sua falência como modelo. Por outro lado, a grande ameaça para os povos é que os rearranjos econômicos, políticos e sociais sigam os cardápio anti-crise apresentado por vários governos e organismos internacionais, que na verdade são mais do mesmo.



Arquivo SOF

Feminismo aponta que, para sair da crise, são necessárias transformações estruturais

No caso das mulheres, há o risco de refuncionalizar no que se considera seu papel tradicional. Ou seja, a partir de um discurso de posituação do feminino e das mulheres como boas gestoras dos recursos das famílias, se afirma que a forma de conter a crise é investir nas mulheres. Já parecem os estudos que dizem que é importante investir nas mulheres, pois, enquanto elas destinam 90% de sua renda para a família, os homens destinam apenas 35%.

### Efeitos e saídas para a crise a partir da América Latina e Caribe

Em nossa região, o avanço da luta política colocou em curso um processo de construção de alternativas soberanas e populares. A resistência ao neoliberalismo nos anos 90 organizou um campo social que derrotou a ALCA e elegeu governos progressistas. É nessa conjuntura que se recorre o tema da integração regional como alternativa à hegemonia global e também como uma das saídas para a crise.

O crescimento econômico, estável desde 2003, permitiu uma pequena recuperação do emprego formal e uma leve diminuição das desigualdades. No entanto, um dos limites é que esse crescimento esteve vinculado a um marco de reprimarização da economia e de manutenção do enfoque extrativista, exportador de commodities e recursos naturais.

Com a crise, o preço desses produtos caiu abruptamente impactando a balança comercial dos países da região. Outro efeito da crise na América Latina é a su-

perprodução de mercadorias especialmente nos ramos mais globalizados como o setor automotivo. Ainda que as notícias não mostrem, os empregos das mulheres têm sido mais afetados (vide o artigo “Trabalho e mulheres em tempos de crise”, nesta edição).

Uma visão anticapitalista da crise passa por questionar o atual modelo de produção e consumo e isso implica discutir que tipo de emprego nos interessa.

As feministas têm afirmado a importância de olhar para a economia real, o que significa considerar não só a produção, mas também a reprodução. Mais do que olhar para o mercado formal é necessária uma visão ampliada que reconheça as diversas relações de trabalho e as formas de produção e comercialização fora do modelo hegemônico, como a produção indígena agrícola e artesanal e a economia solidária.

É necessário democratizar as decisões econômicas para debater e alterar profundamente o modelo de produção e consumo que alimentam o lucro dos capitalistas. É do diálogo entre Estado e Sociedade que sairão as alternativas para a crise e não da relação entre Estado e Sistema Financeiro.

A dimensão internacional da crise e sua profundidade indicam que as saídas não se darão em um só país, mas a partir de relações solidárias entre as nações. Uma integração geradora de igualdade, nesse momento, é imprescindível.

\* Nalu Faria de Sarah de Roure são da equipe da SOF

# Trabalho e mulheres em tempos de crise

Por Marilane Teixeira \*

As mulheres têm muito a perder com a crise internacional. O Brasil, nos últimos anos, vinha tendo expressivo crescimento econômico, queda no desemprego e crescimento da formalização dos vínculos de trabalho. Entre 2002 e 2007 o emprego formal entre as mulheres cresceu 31%, enquanto, entre os homens, o crescimento para o mesmo período foi de 29%.

Além disso, observam-se mudanças significativas no emprego de uma forma geral. Em 2002, do total da PEA – população economicamente ativa (empregados + desempregados), 59,2% eram homens e 41,8% mulheres, em 2007 as mulheres passaram para 43,6% e os homens 56,4%. A retomada do crescimento econômico contribuiu positivamente para que as mulheres saíssem de uma condição de inatividade para se incorporar ao mercado de trabalho.

Também entre os/as ocupados/as cresceu a participação das mulheres que passaram de 40,7%, em 2002, para 42,3% em 2007. Já a participação masculina sofreu um pequeno revés, de 59,3% para 57,7%.

Portanto, parcelas das mulheres que ingressaram no mercado de trabalho neste período foram incorporadas, principalmente entre os empregos formais, cuja participação cresceu 31%.

Ainda assim, o emprego sem carteira persistiu. Visto como um fenômeno estrutural, este tipo de contratação se mantém mesmo em períodos de maior dinamismo econômico e se sustenta, em grande medida, através da contratação de mulheres. Vejamos: enquanto a participação das mulheres no emprego com carteira é 42%, entre as sem registro o percentual sobe para 55% em 2002 e cai para 48% em 2007. Os serviços domésticos concentram o maior percentual de trabalhadoras sem carteira, as mulheres respondem por 95% do emprego e por 45% do total dos empregos sem registro.

A despeito da redução da participação das mulheres no emprego sem carteira sobre o total entre 2002/2007, ainda assim esta modalidade de contratação entre as mulheres evoluiu 15%, já entre os homens o crescimento foi de apenas 3,3%.

Os dados por atividade econômica indicam que o emprego sem registro entre as mulheres se expandiu tanto em setores tradicionalmente femininos, quanto masculinos. Nos setores com maior presença de mulheres temos o de vestuário (22%), saúde e serviços sociais (33%), educação (18%), comércio (22%), alojamento e alimentação (39%). Entretanto, os percentuais mais elevados são registrados em segmentos

impacto da crise ter atingido primeiramente o emprego masculino.

Entretanto, quando se analisam os dados comparativamente ao mesmo período no ano anterior percebe-se que a dispensa entre as mulheres foi mais acentuada do que entre os homens. Enquanto a dispensa cresceu 20% entre as mulheres, entre os homens o percentual foi de 17%, ou seja, em termos de variação as mulheres foram mais afetadas pela onda de demissões que vem ocorrendo desde outubro de 2008.

De 25 setores econômicos analisados, em 22 deles o percentual de crescimento dos desligamentos entre outubro/2008 e março/2009, comparativamente ao mesmo período do ano anterior, foi superior entre as mulheres. Na indústria mecânica os percentuais são de 76% para as mulheres e 40% para os homens, na agricultura, 32% para as mulheres e 7,6% para os homens; no comércio varejista 14,3% para as mulheres e 11,6% para os homens; na indústria de material elétrico, 77% para as mulheres e 38,2% para os homens; nos calçados 20,4% para as mulheres e 10,5% para os homens.

Ao menos sobre os empregos formais, há nitidamente um impacto significativo entre as mulheres. Mesmo tendo uma participação menor na maior parte dos setores industriais, o percentual de dispensa em relação ao mesmo período do ano anterior é superior ao dos homens em 89% dos setores analisados.

Ao persistir ou se aprofundar, a crise pode provocar um deslocamento do trabalho formal para as atividades sem registro ou por conta própria que apresentam elevada capacidade de absorver força de trabalho, especialmente entre as mulheres.

"Women on the rise"



tradicionalmente masculinos como o setor de fabricação de celulose e papel (86%), fabricação e montagem de veículos (228%) e fabricação de produtos químicos (30%).

Do ponto de vista do mundo do trabalho, a crise internacional interrompeu um período de recuperação do mercado de trabalho em que os resultados eram favoráveis as mulheres. Entre outubro de 2008 e março de 2009, a crise produziu um saldo negativo de 692.117 postos de trabalho, as mulheres representam 7% deste saldo. Entretanto, quando se analisam os dados de desligamento, temos 34% de mulheres e 66% de homens.

Os setores industriais foram os mais afetados. Neste universo, as mulheres representam apenas 5,7% entre o total de trabalhadores formais, o que explica o

\* Marilane Teixeira é economista, doutoranda no Instituto de Economia da Unicamp, assessora sindical e tesoureira da SOF

## Simone de Beauvoir, uma mulher atual

Simone de Beauvoir é uma referência para as mulheres, militantes feministas ou não. Um ano após o centenário de seu nascimento, que não foi muito destacado no Brasil, temos boas surpresas.

Já no primeiro semestre foi apresentado, no Rio de Janeiro e em São Paulo, um projeto que combinava a apresentação de peça e um documentário sobre Simone, seguido de debate com o público. O filme “*Simone de Beauvoir – uma mulher atual*” é centrado na personalidade e rebeldia da filósofa e escritora. Apresenta como ela buscou viver sua vida de forma coerente com o que defendia para as relações humanas e, em especial, para as relações homem-mulher. A peça “*Viver sem tempos Mortos*”, um monólogo encenado por Fernanda Montenegro, a partir de textos da correspondência da autora, deve voltar para a cidade no segundo semestre.

A essas iniciativas, se somam reedições de livros de Simone que, no Brasil, é muito comentada e pouco lida. Um



dos motivos é que as edições de seus livros estão esgotadas. A edição anterior de “*O segundo sexo*”, por exemplo, é do início dos anos 1980. Obra que foi um marco e permanece como referência para o feminismo, sua leitura é importante para todas as mulheres que buscam compreender o significado das contribuições de Simone de Beauvoir daquele período até os dias de hoje.

Trazar sua trajetória à memória é um esforço inspirador para aquelas que, com a mesma radicalidade, sonham e constroem a liberdade.

## o que rola

### Mulheres indígenas de Abya Yala



Abya Yala é o nome dado pela etnia Kuna ao continente, desde antes da chegada dos europeus até hoje. Significa “terra madura” ou “terra viva”. Atualmente, povos originários de diversos países assumiram esse termo, que dá nome às suas organizações continentais.

Cerca de duas mil mulheres participaram da I Cumbre Continental de Mulheres Indígenas, que aconteceu em maio, no Peru. Durante dois dias, debateram diversos temas relacionados à defesa do território e da biodiversidade, à soberania alimentar e a participação das mulheres nas lutas contra o neoliberalismo, e por avanços nos processos de transformações em curso no continente.

A Cumbre foi um momento importante de intercâmbio entre as indígenas, de suas experiências de vida, de luta e organização. Fortaleceu a voz das mulheres, como lideranças, em conjunto com os homens, das lutas indígenas. As participantes representavam, no encontro, centenas de povos de todo o continente, e constituíram a Coordenação Continental de Mulheres Indígenas de Abya Yala. Elas afirmam que essa organização deve ter caráter coletivo e participativo, com processos em todos os países, para consolidar uma agenda própria das mulheres indígenas de Abya Yala.

nº 68 Julho de 2009

ISSN 1516-8042

#### CONSELHO EDITORIAL

Andréa Butto, Francisca Rocicleide da Silva (Roci), Helena Bonumá, Ivete Garcia, Maria Amélia de Almeida Teles (Amelinha), Maria Emília Lisboa Pacheco, Maria de Fátima da Costa, Maria Otilia Bocchini, Martha de la Fuente, Mary Garcia Castro, Matilde Ribeiro, Raimunda Celestino Macena e Tatau Godinho.

A Folha Feminista, ISSN 1516-8042, é um boletim da SOF na luta feminista. Este número tem apoio financeiro da Fundação Heinrich Böll.

#### EQUIPE EDITORIAL

**Diretora Responsável:** Nalu Faria

**Colaboradoras:** Tica Moreno

**Projeto Gráfico:** Alexandre Bessa

**Diagramação:** Márcia Helena Ramos

**Fotolito:** SB Editora

**Impressão:** RWC Artes Gráficas

**Tiragem:** 1.500 exemplares

**Número avulso:** R\$1,50

sof  
SEMPREVIVA ORGANIZAÇÃO FEMINISTA

**Assinatura anual (10 números):** R\$15,00

Rua Ministro Costa e Silva, 36, Pinheiros

05417-080 - São Paulo / SP

Tel/fax: (11) 3819-3876

Correio Eletrônico: [sof@sof.org.br](mailto:sof@sof.org.br)

Página na internet:

<http://www.sof.org.br>